

O HIPERTEXTO LITERÁRIO NA INTERNET: APENAS O POEMA EM TELA OU UMA NOVA ARTE ARTE VERBAL CIBERNÉTICA?

Luciano Rodrigues Lima
e-mail: lurlima@uneb.br
(UFBa e UNEB)

RESUMO

O trabalho visa abordar as questões da semiose do texto poético on-line, discutindo se a obra verbi-voco-visual em tela do computador, veiculada através dos multimeios eletrônicos, ainda pode ser considerada como poema ou se se trata de uma nova forma de arte, com características inter e trans-artísticas. A pesquisa utiliza como marco teórico autores como Gilles Deleuze, Pierre Lévy, Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari e Antônio Risério. Busca-se a exemplificação em sites de poesia em inglês e português, alguns constituindo-se em verdadeiros manifestos pós-vanguardistas, veiculados através da rede. Os resultados da pesquisa apontam na direção de que o hipertexto poético on-line pelas suas características insólitas, se constitui em uma nova forma de semiose inter e trans-artística, o que não implica em um alinhamento com os "apocalípticos", referidos em *Apocalípticos e integrados*, de Umberto Eco.

PALAVRAS-CHAVE

Hipertexto - videopoema - fotopoema

ABSTRACT

The work aims at approaching the questions of semiosis of the poetical text on-line, arguing if the verbi-voco-visual artwork on the screen of a computer, propagated through the electronic multimedia, can still be considered as poem or if it deals with a new form of art, with inter/trans-artistic characteristics. This research uses as theoretical foundation authors such as Gilles Deleuze, Pierre Lévy, Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari and Antonio Risério. It searches for exemplification in sites of poetry in English and Portuguese, some of them real post-vanguardist manifests, propagated through the net. The results of the research point in the direction that the on-line poetical hypertext, for its uncommon characteristics, constitutes a new form of semiosis inter/trans-artistic and, what does not imply in an alignment with the "apocalyptic ones", related in *Apocalyptic and integrated*, by Umberto Eco.

KEY-WORDS

Hypertext – video-poem – photo-poem

1 – O hipertexto poético como problema

Neste trabalho, interessa, principalmente, a recepção e a natureza do hipertexto literário, ainda que a definição do termo **literário** seja cada vez mais precária. O modo como a recepção não-linear, panssemiótica e interativa do texto literário na internet interfere na configuração estética da obra é o foco principal deste estudo. Busca-se, desse modo, responder à questão: a página de poesia virtual, veiculada pela internet, concebida através dos recursos da tecnologia digital *online*, pode ainda ser considerada como poema, em sua configuração tradicional, ou se define como um novo gênero/sub-gênero literário interartístico e intersemiótico?

4- O literário e o virtual

A essência do virtual é a representação da realidade, simulando um tempo e um espaço, ou melhor, uma temporalidade e uma espacialidade especiais, em uma dimensão espectral. Não se trata de uma dimensão paralela do real, pois real e virtual se interligam, em diferentes pontos. O literário - como o virtual - é também representação, embora seja muito mais que isto, pois possui um certo grau de autonomia em relação ao real. A poesia, tradicionalmente, não depende de meios eletrônicos para realizar a sua forma de virtualidade. Ela se utiliza das possibilidades das semioses lingüística e literária, através da criação de imagens, cores, sons, ritmos, movimentos, sensações no pensamento, pela via da linguagem verbal. Esta última também já se constitui em um processo virtual de representação. A poesia, portanto, no plano mental, já antecipa o teatro, o cinema e virtualiza todas as demais formas de arte. A imagem em movimento e o som reproduzidos eletronicamente são equivalentes exteriores do que ocorre no interior da mente humana. A imaginação livre, termo precário enquanto definição para o que ocorre com a poesia no estágio pré-verbal, isto é, as imagens e impressões geradas no pensamento, também são dimensões virtuais de realidade e alimentam a criação poética. Poesia tem algo a ver com a narração de sonhos, a transformação de imagens em palavras, do modo descrito por Freud. O poético, portanto, advém do virtual e produz mais realidade virtual, que o retroalimenta, em movimento cíclico.

5 – Diálogo com Antonio Risério

Antonio Risério dedica-se à discussão das relações entre o virtual e o poético em *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Apesar da inegável acuidade das observações de Risério sobre o tema, proporcionada por sua sensibilidade e criatividade artísticas e uma mente atenta aos lances realmente relevantes no jogo da intelectualidade do seu tempo (sem o ranço e a petulância típicas das pesquisas acadêmicas) já se pode sentir o efeito devastador da evolução dos instrumentos virtuais eletrônicos, principalmente da internet, sobre o livro, publicado em 1998. Certamente, em oito anos, tudo o que afirmo aqui estará igualmente desmoranando, pelo efeito da velocidade incomensurável dos avanços da tecnologia e das suas aplicações nos processos de produção de realidade virtual.

O livro de Antônio Risério possui o mérito de historiar, descrever e conceituar o percurso dos poetas concretistas Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari na construção de uma poesia experimental, associada à ciência (matemática e física) e às tecnologias produtoras de realidade virtual. Dialogando com os poetas concretistas Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, principalmente com estes dois últimos, o autor de *Ensaio sobre o texto poético em contexto digita* ressalta a importância da assimilação das técnicas e do conhecimento das áreas de computação gráfica, design e publicidade pela poesia concreta. Risério fala, ao mesmo tempo, de dentro do movimento concretista, enquanto poeta, e de fora dele, como crítico e ensaísta. Isto torna o livro mais perspicaz. Desse movimento de aproximação entre a poesia e as outras artes e novas tecnologias, no Brasil, o próprio Antônio Risério é protagonista, como poeta e compositor.

A poesia, historicamente, nunca renunciou a uma associação com outras artes para a veiculação de mensagens visuais e multissensoriais, juntamente com o texto verbal. No século XVII, o poeta inglês George Herbert já escrevia poemas visuais como “Easter Wings”, em forma de asas, ou “The Altar”, em formato de altar. William Blake ilustrava seus próprios poemas. Em *Songs of Experience*, “The Sick Rose”, por exemplo, é um poema caligráfico ilustrado. A consciência de que todo o espaço da folha de papel pode ser utilizado como significante, porém, vem com Mallarmé. É uma nova noção de linguagem poética e de textualidade. Com Pound, essa condição do texto poético é denominada de “verbi-voco-visual”, incluindo possibilidades de uma declamação diferente da tradicional, acentuando timbres, ritmos e intensidades, como a execução de uma partitura musical.

A poesia concreta tira proveito de diversos avanços da física, como as propriedades, vibrações e efeitos visuais das cores, os estudos sobre óptica, a teoria da relatividade, no tocante à importância da posição do observador na percepção do fenômeno, etc. Quanto à musicalidade, seguindo a tradição poundiana, os concretistas brasileiros chegam a questionar se a poesia é literatura, ou se seria ela uma arte mais próxima da música, tamanha a importância dos timbres, volume, ritmos e musicalidade dos signos poéticos verbais, a saber, palavras, sílabas, letras e fonemas, na declamação.

Mas o foco deste trabalho são os efeitos da tecnologia computacional sobre o texto poético. Além disso, diferentemente do trabalho de Antônio Risério, que trata da importância da linguagem cibernética na construção do poema, interessa aqui, também, e de modo especial, o modo de disseminação do texto poético pela internet. O texto de Risério, embora lúcido e atento à relevância do computador na construção de linguagens, ainda trata de um tempo em que o “shift”, “ctrl-end”, “backspace”, e “page down” eram grandes novidades. Isto pode ser visto como um mérito da obra, a qual já preconizava um estreitamento das relações entre poesia e informática. Como criador do campo da linguagem, Risério percebe que o simples fato de se poder corrigir sem apagar, copiar ou recortar e colar porções de texto acarreta tremendas modificações no processo

de criação poética. Ele chama essa nova forma de criação poética, em que o poeta e o computador se somam, de “poemática” e explica esse tipo de arte:

Não penso em poema digitado *no* computador, mas em poema feito *do* computador – ou seja: no texto que se constrói tirando partido criativo do recurso da máquina. O que está em tela, portanto, é o texto submetido a procedimentos específicos da nova tecnologia da computação gráfica. É nesse sentido, e neste apenas, que me ocorre utilizar uma expressão como, digamos *poemática* (poesia + informática). Em outras palavras, a “poemática” existe ali onde o produtor textual aciona as novas tecnologias de inscrição sígnica, fazendo com que operações de interferência física na camada “significante” do material simbólicodirijam-se para a configuração de “significados”. Pode não ser lá uma definição muito boa. Mas acho que dá para o gasto. Ou ao menos é clara o suficiente para balizar um campo de interlocução. (Risério, 1998, p. 126)

Afora a imprecisão do termo “poemática”, que pode suscitar, antes, significações como “a ciência do poema”, e não o significado proposto pelo trocadilho um tanto ingênuo do poeta-ensaísta, considero correta a descrição de Antônio Risério do processo de criação poética com o computador.

Outro aspecto do livro em apreço que penso ser relevante para este estudo é o reconhecimento de que não mais existem fronteiras bem definidas entre o espaço de criação da ciência e da arte e, por conseguinte, do poeta e do cientista. O contexto científico aqui, em Risério, é o das ciências da computação. Pode-se dizer, entretanto, que a abolição das fronteira vale para qualquer tipo de ciência e de arte.

As conclusões de Risério pendem para a posição dos “integrados”, naquela discussão anteriormente levantada por Umberto Eco, em *Apocalípticos e integrados*, isto é, de que a técnica, embora afete radicalmente a poesia, pois não será nunca apenas meio neutro de veiculação, não a prejudicará.

Se compararmos o livro de Antônio Risério com *Information Arts: intersections of art, science and technology*, de Stephen Wilson, um pesadíssimo volume de 945 páginas, publicado em 2002, dedicado principalmente ao estudo das experimentações da arte com objetos industrializados, instalações intersemióticas, descrição de projetos de arte eletrônica e computadorizada em diversos países e culturas e processos de simulação (virtuais) utilizados na arte e na ciência contemporâneas, veremos que o livro do baiano se destaca por focalizar a questão do ponto de vista da arte e das preocupações estético-filosóficas, enquanto o autor inglês apenas descreve os processos fragmentariamente (em tópicos curtos), ilustrando fartamente o seu volume. Stephen Wilson não discute os seus objetos das “information arts” de modo aprofundado, talvez deixando para o seu leitor a tarefa de interpretá-los, ou simplesmente lê-los, criativamente. Wilson trata a questão como o surgimento de uma cultura artístico-científica, enquanto Risério a aborda sob o prisma da natureza antropofágica da própria arte. De qualquer modo, os dois trabalhos são

recomendados para quem quiser se iniciar no universo das relações entre ciência, tecnologia e arte.

No próximo tópico deste trabalho, discutiremos analiticamente como se apresentam alguns sites de vídeo-poemas, foto-poemas, e outras técnicas de construção do texto poético veiculados pela internet.

6 - Poesia pela internet: muito além da folha de papel

A distância que separa do livro de poesia da linguagem construída com a ajuda de programas (softwares) de animação e simulação eletrônicas é tão grande que, aqui, só poderemos **falar** dos “poemas” eletrônicos escolhidos para análise e nunca exemplificá-los, a menos que este trabalho seja veiculado pela internet, onde estão abrigados os diversos tipos de “media players” (isto deverá ser, certamente, providenciado). Desse modo, vamos descrever aqui coisas que os leitores poderão apenas imaginar, como aquelas maravilhas descritas pelos viajantes em suas narrativas de viagem, a exemplo de Marco Polo, do Capitão John Smith e Fernão Mendes Pinto.

Visto que cada site de poesia eletrônica pode se constituir em um verdadeiro portal com links para diversos outros, limitaremos a nossa análise aos seguintes sites: <http://www.mackenzie.com.br/interacao/www2003/interpoesia.htm> (portal de poesia em português e outras línguas), <http://www.ociocriativo.com.br/poesiadigital/mostra/catalogo.htm> (portal de poesia com vídeo-poemas e *sound poems* em inglês e português) e <http://epc.buffalo.edu/connects/> (mega-portal de sites de poesia eletrônica). O objetivo da nossa análise é verificar se os trabalhos contidos nesses sites ainda podem ser considerados como poesia, *stricto sensu*, ou se eles já se constituem em um outro tipo de arte inter-semiótica, um novo gênero artístico ainda sem nome definitivo.

O primeiro site, construído em 2003, chama-se “Interpoesia” e os seus responsáveis são uma equipe formada por Wilton Azevedo, Rodrigo Azevedo, Luciana Belo Diniz, Thelma Jelen Abbate, Maria Rebeca Ramírez Ramírez e Roberta Maria Santana de Paula. Para o acesso aos poemas eletrônicos, é preciso usar o *Windows Media Player – 9 Series* e o *Acrobat Reader*. O site contém uma cópia digital do livro *Poética das hipermídias*, de Wilton Azevedo, um texto bastante esclarecedor sobre poesia eletrônica, hipermídia e experiências semióticas.

1 - “Semente”, vídeo-poema de Wilton Azevedo. Descrição: traz trilha sonora com vozes embaralhadas e apresenta como imagens sulcos que se movem, como um campo arado, sobre o qual a palavra “semente” paira, como uma visão tridimensional, sempre em movimento e com formas espectrais em amarelo esverdeado, na mesma cor do nome “semente”. O vídeo dura um minuto.

Comentário: Trata-se de um espetáculo visual, onde o texto escrito participa subliminarmente, embora o autor explore a avidez do homem urbano em ler tudo que possua forma de palavra. A palavra semente nunca se apresentará com clareza e o fundo sempre se movimentará, em ritmo que pode lembrar várias coisas, desde uma cópula até um sobrevôo. Trata-se mais de um vídeo-

poema do que um poema-vídeo. O texto é mais icônico do que verbal. O vozerio ao fundo também não deixa transparecer com clareza as palavras que poderiam produzir a tradicional seqüência verbal do poema escrito. O poema, no sentido tradicional, insinua-se mas não se constrói.

2 - “Caráter” , vídeo-poema, de Wilton Azevedo. Descrição: Em uma tela amarela, palavras como “elefante” começam a se formar, enquanto uma voz distorcida declama um poema curto.

Comentário: Trata-se de um poema-vídeo, mais verbal do que “Semente”, mas mesmo assim só produz os seus efeitos através da fusão de som e imagem. As palavras não aparecem com nitidez, deixando que a cor amarela tenha um papel importantíssimo, com todas as associações psicológicas individuais e culturais que ela possa ensejar.

Na seção “Inaudível Silábios”, selecionamos o poema “Aroma”.

3 - “Aroma” (autor desconhecido). Descrição: É uma exibição baseada em um recurso visual disponível nos *media players* para execução de cds intitulado “barras e ondas”, na cor verde. Assemelha-se a um gráfico de colunas verdes, em movimentos sincronizados com o som, como um osciloscópio. Ao fundo, um som de voz que balbucia coisas ininteligíveis, assemelhando-se a uma voz robótica.

Comentário: O trabalho tem como signo principal a imagem em movimento em sua sincronia com o som ao fundo, embora nenhum texto verbal possa ser percebido. O tom verde e o movimento das barras, com pequenos quadrinhos como espumas agrada e atrai a vista, que se sente gratificada. Certamente o espetáculo cansará com o tempo, pois é repetitivo, embora imprevisível. Repete-se sempre a mesma linguagem, com os mesmos tipos de movimento e cores, mas o padrão varia infinitamente. Não existe texto verbal, mas um pré-texto, um vir-a-ser poema. Trata-se de uma linguagem pronta adaptada e não criada pelo “poeta”, ou poeta-programador.

O segundo site analisado denomina-se “Ócio criativo”, construído em 2005, e traz poemas eletrônicos de “poetas” de mais de dez países, em várias línguas. Os responsáveis pelo site são: Yara Guasque (coord. Florianópolis), Artur Matuck (coord. São Paulo), Fabian Antunes Silva, José Elias da Silva, Luiz Haucke Porta, Daniel Izidoro, Bia Medeiros, Tereza Labarrère e Fernanda Luz (Brasil). Na verdade, o site é um portal com links para sites de poesia eletrônica assinados pelos próprios autores, de países como Brasil, E.U.A, Itália, Espanha, França, México, Argentina, Portugal, etc.

Dois trabalhos foram selecionados:

1 – “Poemas visuais históricos”, de Antero de Alda, de Portugal.

Descrição: O poema escolhido é “Iconografia de um país de cócoras”. É um foto-poema, retratando uma latrina primitiva, resumida a um buraco no chão e duas sapatas para apoiar os pés. A fotografia, em preto-e-branco, chama-se “Latrina” e foi tirada no campo de prisioneiros políticos do Tarrafal, Cabo Verde, pelo fotógrafo Miguel Teixeira. Sobre a fotografia lê-se: “Iconografia de um país de cócoras” , com a palavra “cócoras” sobre o buraco.

Comentário: O poema de Antero de Alda é fotográfico, como um postal, de significado político. É um poema quase estático. Apenas um sutil detalhe o torna dinâmico e interativo. Ao retirar a seta

do *mouse* de cima da fotografia, a palavra cócoras desaparece. Em seu lugar fica apenas o buraco, sugerindo, é claro...

2 – O site chama-se “Beyond Ruins”, de Cyrill Duneau, da França. Descrição: Possui características de hipertexto, abrindo mais janelas ao comando dos “clicks”. Não inclui som. Textos poéticos em inglês e francês e fotografias. Fala do cotidiano, sobretudo de sexo, pornografia, doenças, mazelas sociais. Fotos aberrantes, porém com advertência de conteúdo chocante.

Comentário: O site, de aparência lúgubre, traz o mundo cão à tona e não inova, a não ser pelas fotos semelhantes àquelas de advertência do ministério da saúde em maços de cigarro. Nem tudo, em poesia eletrônica é tecnologia avançada. Às vezes, formas tradicionais de veiculação de texto são utilizadas junto com recursos avançados de *media* eletrônicos. Este site, que possui interatividade, com espaço para comentários dos leitores, é considerado por alguns como “pop”, utilizando recursos de quadrinhos.

O terceiro site, Electronic Poetry Center, de responsabilidade da State New York University, constitui-se em um mega-portal de poesia eletrônica, com links para mais de trezentos sites.

1 - Escolhi, aleatoriamente, alguns sites e autores, como o site *Info on Natalie Bookchin*, o qual abriga um projeto intitulado *Location Insecure*.

Descrição: O projeto, de 2006, é denominado pela autora de “sinfonia cidadina”, vista através de cenas de câmeras de vídeo de segurança, com imagens adquiridas sem autorização. O trabalho possui a forma de um vídeo, ao estilo documentário.

Comentário: O vídeo colorido discute os limites entre o público e o privado, a indiferença das câmaras de segurança que filmam incessantemente noite e dia o mesmo cenário monótono, produzindo um efeito de desumanização da imagem, às vezes com ângulos incômodos e de “mau-gosto” (termo questionável em uma discussão estética, por beirar o preconceito), com reflexos de vidros de janelas na frente, ou em cantos de jardins e cercas de condomínios onde quase nunca passa ninguém. A questão, aí, seria como extrair poesia de um olho mecânico? O vídeo, incômodo, revela o hábito crescente de uma sociedade acomodada de postar-se diante da televisão para assistir o que o olho eletrônico capta. Pode-se considerar uma radicalização da questão, para possibilitar uma discussão mais ampla e menos previsível. Certamente o acaso e o lixo eletrônico (essas cenas soam como o lixo da sociedade televisiva) como elemento da arte são também temas dessa discussão.

Outra experiência interessante é a de Olia Lialina e seu site *My boyfriend came back from war*, construído em 1996.

1 – Descrição: Trata-se de um site interativo, congregando texto e fotos artísticas em preto e branco, que são exploradas com movimentos de troca de posição na tela.

2 – Análise: *My boyfriend came back from war* explora o texto, através de clicks. A cada click, o texto muda e muda a disposição das fotos também. Não se trata de uma seqüência de quadros. O leitor altera a configuração da tela através dos cliques. O texto é todo voltado para uma interlocução, através da palavra “you” que está em quase todos os “bits” de textos. Quanto mais se

clica mais a tela se divide em janelas, com textos. A poeta parece querer se comunicar com o leitor, quebrar a barreira da solidão da poesia. O leitor se diverte e se surpreende também. O foto-poema tem uma feição de jogo, também. Dinâmico e irreverente, interativo e comunicativo, o site de Olia Lialina é um exemplo de leveza e delicadeza no uso dos recursos visuais. O trabalho não estrato sonoro, talvez por ter sido construído há dez anos, mas ainda assim o site possui características da oralidade, pelo uso do tom conversacional.

7 - Pós-análise do hipertexto poético

A abolição progressiva das fronteiras marcadas, em todos os quadrantes, parece ser uma tendência do mundo contemporâneo. Esse movimento tem continuidade no campo das artes e da cultura. Misturam-se o erudito, o popular, a cultura de massa e as também artes entre si. Não se pode mais discernir com clareza o gênero dominante ou o cerne de uma manifestação artística: as instalações são obras trans-artísticas, performáticas, tecnológicas. Tampouco se pode separar arte de tecnologia. Quem pode precisar onde termina a foto e começa a pintura, quando o artista aproveita o ângulo e o enquadramento da câmara para pintar seu quadro? O vídeo-clip musical é mais música ou mais cinema? Como poderia o poema impresso na folha de papel permanecer imune ao assédio das novas tecnologias disponíveis em tela de computador? Desse modo, o que se está fazendo aqui é reacender as questões de pesquisa e não respondê-las categoricamente.

A internet é um meio eletrônico de comunicação com características próprias. A rede possui uma cultura e uma estética autônomas. Assim, nem tudo que figura bem em livro, filme, clip, vídeo ou disco aparece bem na internet. Entretanto, alguns sites de internautas desconhecidos demonstram grande talento e domínio das possibilidades de linguagens como html, pdf, e outras. Em suma, a internet traz linguagens novas, e nem todo bom poeta em livro figurará bem na internet.

8 - Temporalidade, espacialidade e interatividade

O poema na folha de papel tem a sua própria temporalidade, que se inicia no momento em que as letras do poeta mancham o papel. Sua durabilidade, enquanto texto escrito e objeto de consumo ou produto industrializado, é longa. Pode durar anos, séculos. 2 A duração da recepção depende do leitor. O vídeo-poema eletrônico dura o tempo de execução determinado pelo autor, compatível com o *media player* que o veicula, geralmente contado em segundos ou minutos. O tempo de recepção não é determinado apenas pelo leitor-espectador, embora a exibição possa ser repetida. Mas mesmo assim ela não está garantida pois depende de meios eletrônicos de comunicação e de equipamentos tecnológicos, os quais sempre podem falhar.

O espaço do poema impresso é a folha de papel, o livro, o painel, embora a sua espacialidade possa ser ampliada pelos próprios meios tecnológicos eletrônicos. 3 O seu campo de circulação é espaço urbano e ele precisa ser exposto ou transportado fisicamente para chegar aos leitores. O vídeo-poema circula com velocidade de acesso e transmissão eletrônicas e não ocupa espaço físico visível para seu armazenamento. Utiliza uma tecnologia limpa, o que o coloca acima do texto

impresso, em termos ecológicos. O espaço disponível para o hipertexto poético através da internet é infinito, pois engloba todos os pontos existentes no planeta, instantaneamente, fazendo com que o campo de circulação desse texto seja igual ao tamanho total da rede, sempre em expansão. O texto virtual não precisa de território mas de espaço vazio. Ele penetra (ou invade) o espaço de sua tela, mas não o ocupa. Logo será fechado, dando lugar a outro feixe de elétrons que produzirá outro tipo de imagem na tela e de som nos alto-falantes. A não materialidade do vídeo-poema é que o torna mais ágil. Enquanto o livro de poesia analógico se arrasta, o vídeo-poema se transmuta, pois não precisa viajar inteiro, mas apenas a sua codificação eletrônica digital é que se desloca.

A interatividade do hipertexto poético na internet é um fator relevante. O leitor, em alguns casos, pode interferir no texto, imiscuindo-se como co-autor, ou contribuir para a expansão do hipertexto com a agregação dos seus comentários ao site. Pode comunicar-se, também, com o autor em tempo real, através do e-mail. O nome do poeta na capa do livro às vezes é um mistério insolúvel para o leitor. A interatividade da internet a torna mais democrática do que o mundo editorial tradicional. O autor não é mais um mito inalcançável, mas o membro de uma comunidade. Assim como o hipertexto se constitui em uma estrutura descentrada, ou uma anti-estrutura (uma vez que qualquer âncora ou *link* pode ser tão importante quanto o texto inicial) a própria rede mundial de computadores é descentrada, embora existam alguns elementos hegemônicos, como os grandes provedores, a língua inglesa, a linguagem html, etc. Ocorre que essa hegemonia é sempre solapada por diversos tipos de insurgências de ordem cultural (culturas marginais), tecnológica (a ação dos *hackers* e *crackers*), lingüística (o “internetês”), política (os grupos guerrilheiros e terroristas), religiosa (as minorias religiosas fundamentalistas), etc. A mesma rede que serve ao Pentágono serve também à Al Qaeda.

Como a internet é um meio eletrônico de transmissão específico e utiliza diferentes e infinitas linguagens, pode-se inferir que ela interfere e altera a natureza discursiva e estética das mensagens que veicula. No tocante ao vídeo-poema e outras experiências que integram imagem, som, movimento e texto verbal (vídeo-poema, foto-poema, poema-vídeo, *flashing poems*, etc) e possuem temporalidade, espacialidade e interatividade diferentes do poema impresso tradicional, pode-se dizer que esses novos “gêneros” artísticos eletrônicos são possibilidades insólitas da poesia (e não simplesmente do poema). Como se disse aqui, historicamente, a poesia transformou-se permanentemente, acompanhando a evolução tecnológica (a invenção da imprensa representou uma revolução para a poesia de magnitude semelhante à criação do hipertexto eletrônico) e, certamente, prosseguirá em sua rota de mudanças.

Somente através de uma ampliação do conceito de texto (e de textualidade) pode-se abarcar as novas experiências do que se denomina de poesia eletrônica, poesia virtual ou hipertexto literário. Esses textos podem ser, ao mesmo tempo, verbais e não verbais, cinematográficos e musicais, figurativos e abstratos, artesanais e tecnológicos, fotográficos e pictóricos, etc. São fusões (e con-fusões) de linguagens. O regime de funcionamento desses sistemas transartísticos é um tanto

anárquico, sendo esta palavra aqui tomada *stricto sensu*. Quanto ao hipertexto poético se constituir, ou não, em um novo gênero artístico, totalmente independente do poema tradicional, não se pode simplesmente concluir com um veredicto. Ele soaria autoritário e contraditório. Na atualidade, tudo está contido em tudo e tudo se con-funde. O poema impresso integra o vídeo-poema, mas não o domina, não é o seu centro. Essas novas formas de arte eletrônicas possuem diversos centros, e isso desmentiria a própria idéia de centro. Então, o hipertexto literário, enquanto forma de arte, não tem um território nem fronteiras bem demarcadas, no reino das artes. Como se trata de uma linguagem em formação, ainda não consolidou, sequer, uma definição.

REFERÊNCIAS

- ALLIEZ, Éric. **Deleuze filosofia virtual**. (1996) São Paulo: Editora 34.
- AZEVEDO, Wilton. **Interpoesia**. Disponível em:
<http://www.mackenzie.com.br/interacao/www2003/interpoesia.htm> Acessado em outubro de 2006.
- DELEUZE, Gilles et PARNET, Claire. (1996) **Dialogues**. Paris: Flammarion.
- DELEUZE, Gilles. (1996) **O atual e o virtual**. In: ALLIEZ, Eric. **Deleuze filosofia virtual**. São Paulo: Editora 34,. pp. 47-56.
- DUNEAU, Cyrill. **About Ruins**. Encontrável em: <http://www.dolmensnipер.motime.com/>. Acessado em outubro de 2006.
- GUASQUE, Yara. **Ócio criativo**. Disponível em:
<http://www.ociocriativo.com.br/poesiadigital/mostra/catalogo.htm> Acessado em outubro de 2006.
- LIMA, Luciano. (2006) "Deleuze e o simulacro: de como o Naturalismo de Lucrecio inspira a alegria na contemporaneidade". Disponível no site: www.uneb.br/lucianolima.
- RISÉRIO, Antônio. (1998) **Ensaio sobre o texto poético em contexto digital**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado.
- WILSON, Stephen. (2002) **Information Arts: Intersections of Art, Sciences and Technology**. London, England: The MIT Press.